



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

LUCIANA DE LIMA SOUSA

**A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA EM *O QUINZE*, DE  
RACHEL DE QUEIROZ**

CATOLÉ DO ROCHA - PB  
2025

LUCIANA DE LIMA SOUSA

**A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA EM O QUINZE, DE  
RACHEL DE QUEIROZ**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

**Área de concentração:** Literatura.

**Orientadora:** Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro

Catolé do Rocha – PB  
2025

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725c Sousa, Luciana de Lima.

A construção da personagem feminina em O Quinze, de Rachel de Queiroz [manuscrito] / Luciana de Lima Sousa. - 2025.

40 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2025.

"Orientação : Prof. Dra. Ana Paula Lima Carneiro, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA".

1. Rachel de Queiroz. 2. O Quinze. 3. Representação feminina. 4. Literatura regionalista. I. Título

21. ed. CDD B869.3

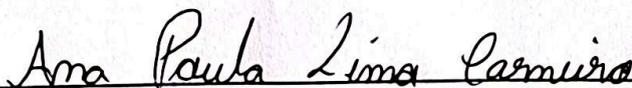
LUCIANA DE LIMA SOUSA

**A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA EM O QUINZE, DE  
RACHEL DE QUEIROZ**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado ao Departamento de Letras e  
Humanidades da Universidade Estadual  
da Paraíba - UEPB, como um dos  
requisitos para obtenção do grau em  
Licenciatura Plena em Letras.

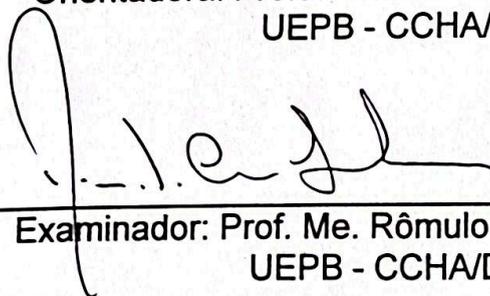
Aprovada em 03 / 06 / 2026.

**BANCA EXAMINADORA**



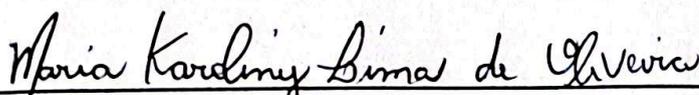
---

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro  
UEPB - CCHA/DLH



---

Examinador: Prof. Me. Rômulo César Araújo Lima  
UEPB - CCHA/DLH



---

Examinadora: Profa. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira  
UEPB - CCHA/DLH

Aos meus pais, exemplo de trabalho e coragem. Se hoje chego até aqui, é porque sempre acreditaram em mim. Esta conquista é tanto de vocês quanto minha.

**DEDICO.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus**, por Seu cuidado e proteção constante sobre mim e minha família, guiando cada passo dessa caminhada e me dando forças nos momentos difíceis.

Aos meus pais, **João José de Sousa e Maria Lúcia de Lima Sousa**, minhas maiores inspirações. Vocês, com simplicidade, amor e determinação, me ensinaram o valor do trabalho duro e da honestidade. Pai, sua sabedoria, mesmo sem os livros, me mostrou que a educação vai muito além da escola. Mãe, sua força e dedicação, mesmo com tantas responsabilidades, me mostraram o verdadeiro significado de perseverança. Este diploma é tanto de vocês quanto meu.

Aos meus irmãos, **Alisson Alan de Lima Sousa e Adriana de Lima Sousa**, pelo apoio e companheirismo em todos os momentos. As minhas sobrinhas, **Dafni Vitória Gomes Lima e Maria Virgínia Gomes Lima** que são uma luz na minha vida, sou grata por ser tia de duas meninas tão especiais.

Ao meu companheiro, **Rafael Pereira da Silva**, por estar ao meu lado em todos os momentos. Seu apoio e amor foram essenciais para que eu alcançasse este sonho.

A minha orientadora, **Profa. Dra. Ana Paula Lima Carneiro**, pela paciência, dedicação e pelos conselhos valiosos ao longo de toda esta jornada. Sua orientação foi essencial para que este trabalho se tornasse realidade.

À minha turma, que transformou os desafios em momentos de aprendizado e os dias difíceis em experiências mais leves. Compartilhar essa jornada com vocês tornou tudo mais significativo. Em especial, agradeço às minhas sete colegas de turma: **Alice Silva, Daiane Ferreira, Juliana Sousa, Juliane Melo, Rogéria Silva, Thácia Valdevino e Vitória Oliveira**. Com cada uma de vocês, dividi aprendizados, incertezas, risadas e cansaços. Nossa parceria e apoio mútuo foram fundamentais nessa caminhada.

De maneira ainda mais especial, deixo minha gratidão à **Daiane Ferreira**, minha dupla desde o início do curso. Foram incontáveis os momentos de companheirismo, troca e incentivo mútuo. Ter você ao meu lado tornou tudo mais leve, mais forte e mais possível.

Aos professores do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, campus IV, por todo o conhecimento compartilhado e pela dedicação em formar profissionais comprometidos.

Aos funcionários do bloco de Letras, que sempre nos atenderam com atenção e cuidado, tornando o dia a dia acadêmico mais organizado e acolhedor.

Por fim, a todos que, de alguma forma, contribuíram para que este sonho se tornasse realidade, minha gratidão eterna. Cada um de vocês têm um papel especial nesta conquista.

*“Então ser superior é renunciar ao seu feitio e à sua vontade, e, relatando todo o excesso de personalidade, amoldar-se à forma comum dos outros?”*

***(Rachel de Queiroz)***

# A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA EM *O QUINZE*, DE RACHEL DE QUEIROZ

## RESUMO

A personagem feminina na literatura regionalista da década de 1930 geralmente aparece subordinada a papéis secundários, marcada pela passividade e pela idealização. Nesse contexto, a presente pesquisa investiga como a protagonista Conceição, do romance *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, rompe com esse modelo tradicional, construindo uma trajetória de resistência diante das adversidades históricas, sociais e culturais causadas pela seca de 1915 no Nordeste brasileiro. O objetivo principal foi analisar a construção dessa personagem como símbolo de superação e emancipação. Para isso, buscou-se identificar os desafios enfrentados por Conceição, compreender os fatores internos e externos que sustentam sua força e examinar como suas atitudes representam um novo lugar para a mulher na literatura da época. A pesquisa, de natureza bibliográfica, qualitativa e analítica, fundamenta-se em autores como Candido (2000), Moisés (2019), Zolin (2009), Hollanda (2023), Bueno (2006), Butler (2018) e Woolf (2014). Os resultados indicam que Conceição rompe com os padrões esperados de sua época ao rejeitar o casamento como imposição social, afirmar sua autonomia intelectual e afetiva e ocupar espaços de decisão, cuidado e ação. Sua construção literária traduz uma ruptura ética e estética na narrativa regionalista e contribui para a ampliação das vozes femininas na literatura brasileira. Assim, Rachel de Queiroz inaugura uma nova representação da mulher no romance nordestino, unindo crítica social, profundidade psicológica e força simbólica.

**Palavras-Chave:** Rachel de Queiroz; *O Quinze*; Representação feminina; Literatura regionalista.

# THE CONSTRUCTION OF THE FEMALE CHARACTER IN *O QUINZE*, BY RACHEL DE QUEIROZ

## ABSTRACT

The female character in regionalist literature of the 1930s generally appears subordinate to secondary roles, marked by passivity and idealization. In this context, this research investigates how the protagonist Conceição, from the novel *O Quinze* (1930), by Rachel de Queiroz, breaks with this traditional model, building a trajectory of resistance in the face of historical, social and cultural adversities caused by the 1915 drought in the Brazilian Northeast. The main objective was to analyze the construction of this character as a symbol of overcoming and emancipation. To this end, we sought to identify the challenges faced by Conceição, understand the internal and external factors that sustain her strength and examine how her attitudes represent a new place for women in the literature of the time. The research, of a bibliographic, qualitative and analytical nature, is based on authors such as Candido (2000), Moisés (2019), Zolin (2009), Hollanda (2023), Bueno (2006), Butler (2018) and Woolf (2014). The results indicate that Conceição breaks with the expected standards of her time by rejecting marriage as a social imposition, asserting her intellectual and emotional autonomy and occupying spaces of decision, care and action. Her literary construction reflects an ethical and aesthetic rupture in the regionalist narrative and contributes to the expansion of female voices in Brazilian literature. Thus, Rachel de Queiroz inaugurates a new representation of women in the Northeastern novel, combining social criticism, psychological depth and symbolic strength.

**Keywords:** Rachel de Queiroz; *O Quinze*; Feminine representation; Regionalist literature.

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	<b>11</b>
<b>2 A MULHER NA LITERATURA DA DÉCADA DE 1930</b>	<b>16</b>
2.1 A representação da mulher na literatura da década de 1930	16
2.2 Rachel de Queiroz e sua contribuição para a literatura brasileira	20
<b>3 A PERSONAGEM FEMININA EM <i>O QUINZE</i></b>	<b>24</b>
3.1 Minuciando <i>O Quinze</i>	24
3.2 A trajetória de resistência e superação de Conceição	27
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS:</b>	<b>38</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura brasileira, especialmente a produzida durante o movimento modernista do século XX, oferece um rico campo de estudo para compreendermos não apenas as narrativas ficcionais, mas também as realidades sociais e históricas do país. Dentro desse contexto, o romance *O Quinze* (1930), destaca-se como uma obra fundamental que retrata de forma vívida e emocional as adversidades enfrentadas pelo povo nordestino durante a seca de 1915.

Este estudo se propõe a investigar como a personagem Conceição desenvolve mecanismos de resistência e superação diante das adversidades apresentadas em *O Quinze* (1930). Assim, serão explorados os principais desafios enfrentados por Conceição ao longo da narrativa, os fatores internos e externos que contribuem para sua resiliência e superação, e a relação de sua trajetória com as questões sociais e históricas abordadas na obra.

A escolha por analisar a resiliência de Conceição em *O Quinze* (1930) surge da necessidade de compreendermos não apenas a obra literária em si, mas também seu impacto e relevância dentro do contexto da literatura nacional. Além disso, essa pesquisa contribuirá para o enriquecimento do conhecimento sobre a literatura de 30, fornecendo uma compreensão aprofundada e novas perspectivas para estudantes do curso de Letras, especialmente aqueles interessados na temática abordada. No âmbito pessoal, as experiências vividas e compartilhadas por minha família também são motivadoras para a investigação, conferindo-lhe uma dimensão mais íntima e conectada com as realidades do Nordeste brasileiro.

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar a construção da personagem feminina em *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, compreendendo como a autora delineia Conceição em meio às adversidades impostas pelo contexto histórico e social da narrativa. Para isso, propomos, primeiramente, investigar os desafios enfrentados pela protagonista ao longo da obra, destacando as barreiras sociais e culturais que limitavam a autonomia feminina na época. Além disso, buscamos examinar os mecanismos de resistência e superação desenvolvidos por Conceição diante dessas adversidades, compreendendo como suas atitudes e decisões refletem um modelo de emancipação para a mulher do início do século XX.

Por fim, pretende-se investigar os fatores internos, como força de vontade, resiliência e esperança, que sustentam sua trajetória, bem como os fatores externos que influenciam suas escolhas e interação com outros personagens. Dessa forma, a pesquisa visa não apenas interpretar a relevância de Conceição dentro da obra, mas também compreender como sua construção literária dialoga com as transformações sociais e culturais do período.

Nesse contexto, o interesse em apresentar essa proposta surge primeiramente da necessidade de analisar a personagem Conceição, como um mecanismo de resistência e superação diante das adversidades apresentadas em *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz. Por isso, o desenvolvimento dessa pesquisa enriquecerá o entendimento sobre literatura nacional, especificamente, da literatura de 1930, assim, destacamos, também, que este estudo terá um impacto e contribuições significativas para os estudantes do curso de Letras, sobretudo, aqueles que se interessam pela presente temática.

Para situar esta pesquisa no campo dos estudos sobre a personagem Conceição em *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, analisamos três trabalhos acadêmicos que abordam temáticas semelhantes, a fim de compreender os enfoques adotados e diferenciar nossa proposta investigativa.

O primeiro estudo: *Conceição em O Quinze: uma abordagem feminista e decolonial*, de autoria de Elisângela Campos Damasceno Sarmiento e Geraldo Jorge Barbosa de Moura, publicado em 2023 na Revista Estudos Feministas, investiga a personagem a partir das teorias feministas e da decolonialidade, utilizando como metodologia a análise do discurso de Linha Francesa, a Ecocrítica e o Ecofeminismo. O artigo examina como os discursos de Conceição contrastam com os discursos coloniais presentes na trama, explorando sua representação como um sujeito que resiste às estruturas patriarcais da época. Diferente deste estudo, nossa pesquisa não se baseia em um viés decolonial, mas busca compreender a construção da personagem em uma perspectiva mais ampla, focando sua resiliência e mecanismos de superação dentro do contexto social e histórico da obra.

A segunda pesquisa analisada: *A ousadia feminista de Rachel de Queiroz: emancipação feminina de Conceição em O Quinze*, de autoria de Amanda Izabel dos Santos dos Santos e Maria da Luz Lima Sales, publicado em 2022 na Revista Contexto. Neste estudo, as autoras discutem os desafios impostos às mulheres na

década de 1930, abordando a pressão do casamento e da maternidade e a luta por emancipação. O referencial teórico baseia-se em Judith Butler, Carole Pateman e Virginia Woolf, estabelecendo um diálogo entre a narrativa de *O Quinze* e os estudos sobre gênero. Embora nossa pesquisa também reconheça a importância do papel de Conceição na quebra de padrões femininos da época, nosso enfoque é mais abrangente, analisando tanto aspectos coletivos e individuais da personagem, sua atuação social e sua relação com outros personagens.

Por fim, o terceiro estudo: A figuração feminina no romance *O Quinze* de Rachel de Queiroz: uma análise sobre a personagem Conceição, de autoria de Edinete Braga Tavares, depositado em 2022 na Biblioteca Digital da Universidade Estadual da Paraíba, tem como principal objetivo analisar a representação da mulher na literatura a partir da construção de Conceição, debatendo a presença de movimentos feministas e a forma como a narrativa denuncia a situação das mulheres na época. O estudo adota um viés descritivo e explicativo, enfatizando a desconstrução de estereótipos femininos. Diferentemente desse enfoque, nossa pesquisa se propõe a investigar não apenas a representação social da personagem, mas também sua trajetória de resistência e superação frente às adversidades, considerando fatores psicológicos e sociais que influenciam sua postura.

As justificativas centradas no campo profissional/acadêmico encontram suporte na necessidade de compreender como a literatura regionalista brasileira, especificamente a obra *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, constrói uma personagem feminina que desafia os padrões impostos às mulheres da década de 1930. Ao investigar a trajetória de Conceição, buscamos compreender os mecanismos de resistência e superação que ela desenvolve diante das barreiras sociais e culturais da época, o que contribui para o debate sobre a representação feminina na literatura brasileira.

Por sua vez, as justificativas pessoais estão alinhadas com a afinidade e conexão com o tema. Originária de uma cidade do sertão da Paraíba, minha família enfrentou desafios semelhantes aos retratados na obra, como a seca e as dificuldades cotidianas. Essas experiências pessoais, ouvidas e compartilhadas por minha família, motivam-me a aprofundar minha compreensão das questões abordadas por Rachel de Queiroz, explorando como a literatura regionalista brasileira ressignifica as experiências de resiliência e superação. Essa pesquisa visa

não apenas enriquecer meu conhecimento acadêmico, mas também contribuir para uma compreensão mais ampla das dinâmicas culturais e sociais do Brasil, especialmente nas regiões historicamente desfavorecidas.

A relevância desta pesquisa ultrapassa a análise literária ao contribuir para um entendimento mais aprofundado sobre a construção da mulher na literatura brasileira, especialmente no romance regionalista da década de 1930. O estudo da personagem Conceição permite refletir sobre os desafios enfrentados pelas mulheres na sociedade da época e como Rachel de Queiroz delineia, em sua obra, uma protagonista que desafia padrões e representa novas possibilidades de autonomia e resiliência feminina. Dessa forma, a pesquisa amplia o debate sobre a representação feminina na literatura e os mecanismos narrativos utilizados para dar voz a mulheres que resistem às imposições sociais.

Esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, analítica e de natureza qualitativa, fundamentando-se na revisão e interpretação de textos acadêmicos, livros, artigos, teses e dissertações acessadas em meio digital e impresso. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa bibliográfica possibilita a ampliação da compreensão sobre determinado tema ao reunir e interpretar contribuições teóricas de diversos autores. A metodologia adotada busca compreender e analisar a construção da protagonista Conceição na obra *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, considerando sua relação com o contexto social e cultural do romance e sua representatividade na literatura brasileira. Para tanto, utilizamos como referência teórica autores renomados da crítica literária, como Candido (2000), Moisés (2007), Zolin (2009), Hollanda (2023), Bueno (2006), além de contribuições fundamentais de pensadoras como Judith Butler (2018) e Virginia Woolf (2014), cujas reflexões sobre identidade de gênero e emancipação feminina enriquecem a análise da personagem.

Dessa forma o trabalho encontra-se estruturado em quatro capítulos. Inicialmente, apresentamos a introdução, na qual contextualizamos a pesquisa e destacamos a relevância do estudo sobre *O Quinze* (1930) na literatura brasileira. No segundo capítulo, intitulado “A mulher na literatura da década de 1930”, discutimos a representação feminina na literatura desse período e o impacto da escrita de Rachel nesse cenário. Em seguida, no terceiro capítulo “A personagem feminina em *O Quinze*”, analisamos a protagonista Conceição, enfatizando sua

trajetória de resistência e superação ao longo da narrativa. Por fim, no quarto capítulo, trazemos as considerações finais, nas quais retomamos os principais pontos discutidos e apresentamos as contribuições deste estudo para o entendimento da resiliência feminina e das dinâmicas sociais e históricas.

## **2 A MULHER NA LITERATURA DA DÉCADA DE 1930**

### **2.1 A representação da mulher na literatura da década de 1930**

A década de 1930, no Brasil, foi marcada por significativas transformações sociais, políticas e culturais que impactam diretamente os modos de representação feminina na literatura. Com a consolidação da República e a intensificação dos processos de urbanização e industrialização, a mulher passou a ocupar novos espaços na sociedade, ainda que de forma limitada pelas estruturas patriarcais vigentes. No campo literário, essas mudanças se refletem gradualmente, sobretudo na forma como as personagens femininas começaram a ser concebidas. Elas deixaram de ser apenas figuras idealizadas ou acessórios do enredo masculino para se tornarem sujeitos com voz própria, em processo de afirmação e reconhecimento.

A representação da mulher na literatura está intimamente ligada à forma como as mulheres foram historicamente tratadas e registradas pela sociedade. Como destaca Michelle Perrot (2005), a escrita da história das mulheres enfrenta grandes lacunas: sua presença foi sistematicamente apagada, seus rastros tornaram-se escassos e sua participação no espaço público, desvalorizada. Segundo a autora, “Há um déficit, uma falta de vestígios” (Perrot, 2005, p. 21), o que torna a narrativa histórica feminina fragmentada e invisível. Essa ausência se deve, em parte, à forma como a linguagem, os registros estatísticos e a própria historiografia ignoraram ou silenciaram as experiências femininas. Como afirma Perrot, “Porque são pouco vistas, pouco se fala delas” (Perrot, 2005, p. 17). Esse silenciamento se reflete diretamente na literatura, onde, durante muito tempo, as personagens femininas foram relegadas a papéis secundários e idealizados, ecoando a posição de marginalidade imposta às mulheres na realidade social. A crítica feminista surge, portanto, como instrumento essencial para romper esse apagamento e promover uma nova forma de representação, na qual a mulher emerge como sujeito de sua própria história.

Historicamente, as personagens femininas ocupam um lugar de passividade nas narrativas. Zolin (2009) aponta que a crítica literária feminista surgiu justamente

para questionar essa ausência de protagonismo da mulher, revelando como o cânone tradicional, moldado por valores patriarcais, excluiu e marginalizou a produção de autoria feminina. Segundo a autora, “[...] promover a visibilidade da mulher como produtora de um discurso que se quer novo, um discurso dissonante em relação àquele arraigado milenarmente na consciência e no inconsciente coletivos.” (Zolin, 2009, p. 328).

Essa visibilidade passa não apenas pela valorização da produção literária em si, mas também pela transformação da representação das personagens femininas nas obras. Nesse contexto, o ingresso de escritoras no campo literário contribuiu para ampliar as possibilidades de representação da mulher. Perrot (2005) observa que, por muito tempo, as mulheres foram representadas, mas raramente tiveram a oportunidade de se representar. O surgimento de autoras como Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa e Lúcia Miguel Pereira marcou um novo momento na literatura brasileira, no qual a escrita feminina começou a afirmar-se como expressão legítima de experiências até então silenciadas ou distorcidas. A autora ressalta que escrever, para uma mulher, não foi uma tarefa fácil, e sim um gesto de ruptura com os limites impostos historicamente: “Escrever, para as mulheres, não foi uma coisa fácil. Sua escritura ficava restrita ao domínio privado [...] Publicar era outra coisa” (Perrot, 2005, p. 97). Assim, evidencia a dificuldade histórica enfrentada pelas mulheres para legitimar sua produção textual em espaços públicos. Perrot (2005) ressalta que, embora a escrita estivesse presente no cotidiano feminino: diários, cartas, anotações domésticas, o ato de publicar, ou seja, tornar essa escrita visível e reconhecida socialmente, representava um rompimento com os limites impostos pelo patriarcado.

Rachel de Queiroz, ao publicar *O Quinze* (1930), inaugura uma nova perspectiva para a representação feminina na literatura modernista brasileira. A personagem Conceição, protagonista do romance, rompe com o modelo tradicional da mulher submissa e restrita ao espaço doméstico. Professora, leitora assídua e crítica da realidade social ao seu redor, Conceição é apresentada como uma figura ativa, capaz de refletir, tomar decisões e agir com autonomia diante dos desafios que enfrenta. Essa projeção de uma mulher intelectualizada e independente se reflete na própria trajetória da autora. Rachel de Queiroz revela, em suas memórias, a forma discreta com que escreveu *O Quinze*: “Sempre trabalhei sozinha.

Escondido, às vezes. *O Quinze*, por exemplo, como já contei, foi escrito no maior mistério. Só depois de pronto, mamãe e papai o viram” (Queiroz; Salek, 2010, p. 222). Essa confidência demonstra a tensão entre o desejo de expressar-se e o receio diante da recepção social, especialmente para uma mulher jovem na década de 1930. O silêncio e o segredo da autora ecoam no gesto contido de muitas mulheres da época, que, mesmo conscientes de seu potencial, eram desencorajadas a se posicionar publicamente como intelectuais ou artistas.

Conceição, por sua vez, representa essa afirmação sutil, porém firme: sua postura crítica e sua recusa a papéis impostos refletem a escritora que a criou. Ainda sobre a reação da crítica à publicação de *O Quinze*, Rachel lembra de forma irônica: “Quando *O Quinze* começou a pegar e a escreverem a respeito, [um crítico] passou a espalhar [...] que o livro não fora escrito por mim, mas, talvez, por papai” (Queiroz; Salek, 2010, p. 35). A suspeita em torno da autoria de uma mulher evidencia o preconceito estrutural da época. A negação da autoria feminina, mesmo diante de uma obra pronta e publicada, traduz a lógica patriarcal que também se refletia na construção de personagens femininas passivas ou irrelevantes. Rachel de Queiroz, ao afirmar-se como autora, realiza um ato duplo: legitima sua voz e cria uma protagonista que também afirma a própria.

Esse gesto narrativo é interpretado por Zolin (2009, p. 334) como um movimento de resistência simbólica, pois: “[...] as escritoras, ao assumirem a autoria, transgridem papéis historicamente atribuídos às mulheres”. A escrita de autoria feminina, nesse sentido, assume um caráter subversivo ao romper com os limites impostos pelo patriarcado, que tradicionalmente relegava às mulheres ao silêncio, à domesticidade e à condição de objetos da criação literária, musas, coadjuvantes ou figuras idealizadas, negando-lhes o lugar de sujeitos produtores de discurso.

A construção de Conceição como uma mulher reflexiva e engajada reforça esse gesto de resistência. A personagem recusa o casamento como destino inevitável e demonstra sensibilidade diante da crise social provocada pela seca, mobilizando-se para ajudar os retirantes e acolher um afilhado adoentado. Nessa perspectiva, a maternidade é vivida como escolha e cuidado, e não como imposição ou decorrência do matrimônio, o que amplia o horizonte de significados atribuídos ao papel feminino. Como observa Perrot (2005, p. 158): “[...] a maternidade nem sempre foi uma escolha, mas uma imposição social, um dever mais do que um

desejo”. Essa leitura permite perceber que, ao adotar Manoel e exercer uma maternidade não convencional, Conceição rompe com os valores impostos e propõe novas possibilidades de realização pessoal e social.

A escolha de Rachel de Queiroz por construir uma personagem com essas características, em um período em que a mulher ainda era restrita aos papéis tradicionais, revela a importância da literatura como campo de disputa simbólica. Conforme Xavier (1998), essa etapa inicial da autoria feminina na literatura brasileira é marcada por um processo de internalização dos valores sociais vigentes, ainda que algumas autoras começassem a questionar os estereótipos de gênero e a experimentar novas formas de narrar a experiência feminina. Rachel de Queiroz representa uma dessas rupturas, pois sua personagem rompe com a idealização passiva da mulher e propõe uma figura feminina autônoma, atuante e crítica. Ao colocar Conceição como protagonista de sua narrativa, Rachel inaugura uma nova forma de representação do feminino na literatura regionalista, indo além dos estereótipos tradicionais de submissão e domesticidade. Essa transformação está diretamente ligada ao movimento mais amplo promovido pelo romance de 30, que, segundo Bueno (2006):

[...] a legitimação da figura feminina nas nossas letras — quer como protagonista individual desses romances, quer mesmo como autora em nosso meio intelectual — é parte fundamental desse processo de incorporação do outro que o romance de 30 levou a cabo (Bueno, 2006, p. 26).

Com essa afirmação, Bueno (2006), aponta que o protagonismo feminino nos romances desse período não deve ser visto apenas como uma mudança estética ou temática, mas como parte de um processo histórico mais profundo, que visa incorporar sujeitos antes marginalizados, como a mulher, o nordestino pobre, o retirante, ao centro da narrativa nacional. Rachel de Queiroz, ao construir uma mulher pensante, letrada e sensível como centro de sua obra, não apenas amplia os limites da ficção modernista, mas também desafia as convenções sociais que por muito tempo restringiram a atuação feminina à esfera privada. A personagem Conceição, assim, simboliza essa nova etapa da literatura brasileira, em que a mulher não é mais objeto do olhar masculino, mas sujeito de sua própria história literária, social e simbólica.

A representação da mulher na literatura da década de 1930, portanto, passa a ser marcada por um processo de transição: da figura passiva e idealizada para a mulher que começa a conquistar espaço de fala e de ação nas narrativas. Obras como *O Quinze* (1930) sinalizam essa virada ao colocarem no centro da história uma mulher consciente de sua realidade e de suas escolhas. Essa mudança é gradual, permeada por contradições e resistências, mas estabelece as bases para a construção de um discurso literário feminino que se ampliaria nas décadas seguintes.

## **2.2 Rachel de Queiroz e sua contribuição para a literatura brasileira**

Rachel de Queiroz nasceu em 17 de novembro de 1910, em Fortaleza, Ceará, em uma família influente da região. Desde cedo, demonstrou uma: “[...] independência rara entre as mulheres da época” (Hollanda, 2023, p. 8), característica que marcaria sua trajetória literária e pessoal. Sua estreia na literatura ocorreu em 1930 com o romance *O Quinze* (1930), obra que retrata a seca nordestina de 1915 e que: “[...] chamou imediatamente a atenção da crítica por sua escrita seca, contida, avessa a qualquer excesso” (Hollanda, 2023, p. 8). Esse livro não apenas a consagrou como uma das vozes mais importantes do modernismo brasileiro, mas também a tornou: “[...] a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, abrindo para sempre o caminho para que as escritoras mulheres se incorporassem à maior instituição literária do país” (Hollanda, 2023, p. 8). Esse reconhecimento não foi apenas simbólico, mas representou a abertura de espaço institucional para que outras vozes femininas também fossem legitimadas em um campo historicamente dominado por homens.

Seu envolvimento com o regionalismo literário permitiu que ela trouxesse à tona as condições de vida do Nordeste, uma região frequentemente marginalizada nas narrativas nacionais. A obra de Queiroz (1930) é profundamente enraizada na cultura nordestina, refletindo suas experiências pessoais e sua observação aguçada da vida no sertão. Como destaca Holanda (2023, p. 18): “O sertão que a autora vê e descreve é o sertão experimentado por Conceição e sua consciência da realidade social do Nordeste”. Essa conexão permitiu que Rachel de Queiroz transformasse o local em universal. Nesse sentido, sua escrita ecoa a perspectiva de Antonio

Candido (2000, p. 165), para quem: “[...]o regionalismo revela o homem em sua condição específica”, destacando como Queiroz elevou as particularidades do Nordeste a uma dimensão humanista e atemporal. Além disso, como aponta Bueno (2006, p. 125), [...] “o que Rachel de Queiroz faz é deslocar a temática do romance, colocando no centro não a desgraça da seca, mas a problemática da ligação do homem com a terra”. Essa leitura nos ajuda a compreender que o foco do romance não está apenas na calamidade natural, mas nos vínculos profundos entre o sertanejo e o espaço que habita. Rachel, portanto, contribui para ampliar o alcance simbólico da seca, transformando-a em metáfora da resistência humana.

Na segunda fase do Modernismo, despontou o movimento conhecido como romance de 30, ou neorealismo, marcado por uma abordagem ficcional que buscava retratar a realidade social do Brasil. Essas obras literárias, profundamente influenciadas pelo realismo, exploravam os aspectos sociais de diferentes regiões do país. Embora tenham sido produzidos também romances urbanos, destacaram-se principalmente aqueles ambientados no espaço rural, com ênfase no sertão nordestino, como é o caso de *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz. O estilo literário de Queiroz é caracterizado pela autenticidade e pela sensibilidade com as questões sociais e humanas. Como observado por Candido (2004):

Os anos de 1930 e 1940 se caracterizam pela aceitação crescente de obras e do espírito modernista, que passam a fazer parte da cultura e a dar cada vez mais o tom. Ao seu lado, agem outras tendências renovadoras, como o regionalismo crítico no Nordeste, que, sem derivar do modernismo, lucrou com a sua luta pela liberdade de expressão e teve o campo livre para se difundir (Candido, 2004, p. 79).

Além do forte comprometimento com a representação do Nordeste e suas problemáticas sociais, Rachel de Queiroz destacou-se por criar personagens femininas fortes e complexas, que desafiavam as convenções patriarcais da época. Suas protagonistas, como Conceição (*O Quinze*), Guta (*As Três Marias*) e Maria Moura (*Memorial de Maria Moura*), representam mulheres que: “[...]percorrem, com obstinação, os caminhos que levam aos destinos marcados pela independência e pelo poder” (Hollanda, 2023, p. 12). Essa abordagem inovadora consolidou seu lugar na literatura brasileira e influenciou gerações posteriores de escritoras.

Rachel de Queiroz não apenas se destacou como uma das vozes mais influentes do cenário literário brasileiro, mas também deixou um legado que transcende sua própria obra. Sua contribuição para a literatura nacional vai além das páginas de seus romances e crônicas, alcançando um status de ícone cultural. Ao abordar temas tão pertinentes à realidade brasileira, como a seca e as desigualdades sociais, Rachel de Queiroz não apenas ofereceu uma reflexão sobre os desafios enfrentados pelo povo nordestino, mas também ampliou o horizonte da literatura brasileira ao dar voz aos marginalizados e oprimidos.

Sua trajetória, no entanto, foi marcada por uma educação informal e autodidata, o que a aproxima ainda mais da autora e personagem. Em suas memórias, Rachel comenta: “Nunca fiz e nunca me interessei por curso superior [...] Contudo eu lia muito. Mamãe tinha uma biblioteca muito boa e tanto ela quanto papai me orientavam nas leituras” (Queiroz; Salek, 2010, p. 32). Essa afirmação revela uma autora que construiu sua intelectualidade fora do espaço acadêmico tradicional, confiando na leitura e na orientação familiar. Essa postura é refletida em *Conceição*, que também é apresentada como uma mulher leitora, crítica e com forte autonomia de pensamento. Ambas rompem com o modelo de formação feminina passiva, reafirmando a educação como caminho de emancipação.

Por outro lado, Rachel também registra uma lembrança simbólica que reforça sua conexão afetiva com o Nordeste: “Mais do que qualquer outra coisa, é belo atravessar tantos anos pelas mãos de Rachel e Isinha [...] um sentimento impregnado do eterno retorno ao sertão” (Queiroz; Salek, 2010, p. 11). Essa sensação de pertencimento e retorno constante à terra natal é um traço marcante também na protagonista de *O Quinze* (1930). *Conceição*, mesmo vivendo em espaços urbanos e ocupando uma posição de mulher instruída, nunca perde sua ligação com o sertão, com sua gente e com as dores que testemunha. A partir dessa perspectiva, compreende-se que a construção da personagem feminina em Rachel de Queiroz não é apenas estética, mas profundamente ética e afetiva.

Ademais, o reconhecimento internacional da obra de Rachel de Queiroz evidencia a força universal de suas narrativas e personagens. Seus livros foram traduzidos para diversos idiomas e aclamados em diferentes países, o que demonstra a relevância das questões humanas que aborda, entre elas, a condição feminina e as desigualdades sociais. Ao construir figuras como *Conceição*, que

fogem dos estereótipos tradicionais e se afirmam como mulheres críticas, autônomas e engajadas, Rachel de Queiroz não apenas projetou a literatura brasileira no cenário internacional, mas também levou ao mundo uma visão autêntica, multifacetada e profundamente feminina da cultura nordestina.

Conclui-se, portanto, que a obra de Rachel de Queiroz transcende fronteiras geográficas e temporais, consolidando-se como um marco na literatura brasileira. Sua escrita, ao mesmo tempo sensível e incisiva, deu voz a personagens femininas complexas e desafiadoras, contribuindo de forma significativa para a reflexão sobre identidade, gênero e justiça social. Ao unir autenticidade regional e universalidade temática, Rachel de Queiroz não apenas enriqueceu o panorama literário, mas também reafirmou o poder transformador da literatura como instrumento de denúncia, resistência e humanização.

### 3 A PERSONAGEM FEMININA EM O QUINZE

#### 3.1 Minuciando *O Quinze*

O romance *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, publicado em 1930, é considerado um dos marcos inaugurais da segunda fase do modernismo brasileiro. A obra apresenta uma narrativa realista e crítica, centrada na temática da seca que assolou o Nordeste em 1915. Ao narrar os efeitos devastadores da estiagem sobre a vida dos retirantes e sobre o sertão cearense, a autora rompe com a visão romântica da região e adota uma postura de denúncia social. No entanto, o romance não se limita à representação da miséria; ele também traça um painel psicológico dos personagens, em especial da protagonista Conceição, cuja complexidade evidencia o domínio literário de Rachel, mesmo sendo sua obra de estreia. A própria autora reflete em suas memórias o impacto que essa seca teve sobre sua família e como isso serviu de inspiração para sua narrativa:

Em 1915, papai já deixara a cidade e estava muito interessado no sertão, onde mandara fazer umas plantações de arroz. Mas então veio a seca, ele perdeu a plantação e quase todo o gado. É a história que conto em *O Quinze*, embora na época eu só tivesse quatro anos (Queiroz; Salek, 2010, p. 16).

Esse relato autobiográfico confere à obra um forte tom de testemunho e comprova que *O Quinze* (1930) nasce de uma memória familiar profundamente marcada pela tragédia da seca. A autora, mesmo tendo vivenciado esse período ainda na infância, canaliza, por meio da literatura, uma experiência coletiva. Trata-se, portanto, de um romance que entrelaça lembrança afetiva e construção crítica, posicionando-se como denúncia e resistência.

No que diz respeito à construção da personagem Conceição, a presença de elementos autobiográficos é evidente. A autora, que também foi professora e leitora voraz desde jovem, insere em sua protagonista os traços de uma mulher que se opõe à lógica patriarcal, que pensa, age e escolhe seu próprio destino. Como aponta Virginia Woolf (2014, p. 5): [...] “uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu se quiser escrever ficção”. Esse “teto” simbólico que Woolf (2004) defende aparece

em *O Quinze* (1930) como a capacidade da personagem de ocupar espaços de reflexão, educação e liberdade, mesmo em um contexto adverso.

A estrutura narrativa do romance é linear, dividida em capítulos curtos, o que confere dinamismo à leitura. A autora alterna entre os núcleos urbanos e rurais, construindo um retrato plural do sertão: de um lado, Conceição, professora residente na cidade, que observa com preocupação a chegada dos retirantes; de outro, Vicente e sua família, vítimas diretas da seca. Essa alternância permite a Rachel de Queiroz apresentar diferentes perspectivas sobre o problema da estiagem, evitando uma abordagem reducionista. O crítico literário Massaud Moisés (2019) ressalta a habilidade técnica de Rachel logo em sua estreia:

Percorridas as primeiras páginas, logo salta a impressão de estarmos diante de algo particularmente viçoso, com um invulgar poder de concentração: em dois breves capítulos, uma romancista ainda adolescente desenha toda a situação dramática que garante o enredo, e o faz com mão de mestre (Moisés, 2019, p. 170).

Essa observação de Moisés (2019) não apenas exalta a maturidade técnica da jovem Rachel de Queiroz, como também destaca a eficácia narrativa de sua estreia. A autora demonstra domínio ao construir uma abertura que, com poucos elementos, delinea com nitidez o cenário, o conflito central e a densidade emocional dos personagens. Esse rigor formal não é gratuito: ele sustenta a proposta realista e crítica do romance, oferecendo ao leitor uma visão enxuta e contundente da tragédia da seca. Nesse sentido, a estreia de Rachel de Queiroz foi tão impactante para o cenário literário que chegou a ser comparada, anos depois, à de Clarice Lispector. Como observa Bueno (2006):

Não é coincidência que, naquele artigo com que saudou a publicação de *Perto de Coração Selvagem*, Lúcio Cardoso irá comparar a estreia de Clarice Lispector com a impactante publicação de *O Quinze*, considerando-a “tão importante e tão reveladora quanto foi no passado a da sra. Rachel de Queiroz” (Bueno, 2006, p. 26).

A comparação, além de enaltecer a qualidade estética da obra, ressalta o impacto simbólico da estreia de Rachel de Queiroz no cenário literário nacional. Não se trata apenas de reconhecer a força de uma jovem escritora, mas de evidenciar a ruptura que *O Quinze* (1930) representou em uma tradição ainda profundamente

marcada por vozes masculinas e por estéticas consolidadas. Ao ser equiparada à estreia de Clarice Lispector, uma das mais inovadoras da literatura brasileira, a obra de Rachel ganha contornos ainda mais expressivos. Essa aproximação entre duas autoras de diferentes gerações indica que *O Quinze* (1930), desde sua publicação, já se colocava como um marco não apenas pela temática social que aborda, mas também pela ousadia de oferecer uma nova sensibilidade narrativa. Assim, o romance ultrapassa as expectativas de uma estreia convencional e firma-se como um divisor de águas, tanto no que diz respeito ao tratamento do realismo social quanto à inserção da voz feminina como agente de transformação no espaço da literatura.

Conceição, desde as primeiras páginas, revela-se como uma mulher de pensamento crítico. Sua relação com os livros demonstra uma consciência de si e do mundo que a cerca. Em um trecho emblemático, ela se mostra insatisfeita com os poucos livros disponíveis: “Está muito pobre essa estante! Já sei quase tudo decorado!” (Queiroz, 2016, p. 18). Essa queixa ilustra o desejo por conhecimento que transcende os limites impostos às mulheres de sua época. Como observa Aida Souza (2004), personagens como Conceição simbolizam o surgimento de uma nova figura feminina na literatura brasileira, aquela que ocupa o espaço central da narrativa, não como objeto de desejo, mas como sujeito pensante e atuante.

Além disso, o romance constrói um contraste simbólico entre Conceição e sua avó, Dona Inácia. A avó representa a moral tradicional e religiosa, enquanto a neta encarna a ruptura com esse modelo. Um exemplo disso é a crítica feita à leitura por parte das mulheres: “E esses livros prestam para moça ler, Conceição? No meu tempo, moça só lia romance que o padre mandava.” (Queiroz, 2016, p. 132). A resposta de Conceição, firme e serena, deixa claro seu posicionamento: “Leio para aprender, para me documentar...” (Queiroz, 2016, p. 132). Essas falas revelam o embate simbólico entre tradição e emancipação. Judith Butler (2018, p. 49) afirma que: “[...] o gênero é uma construção cultural; conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tão aparentemente fixo quanto o sexo”. A escolha de Rachel em criar uma personagem que contesta o destino tradicional da mulher reforça essa perspectiva: Conceição performa uma nova identidade feminina, que se define pela liberdade intelectual e afetiva, e não pela obediência ao modelo social vigente.

O ambiente descrito no romance também merece destaque. A linguagem utilizada por Rachel de Queiroz é marcada pela simplicidade vocabular e pelo forte apelo visual e sensorial. A descrição da miséria e da fome, por exemplo, não recorre ao exagero sentimentalista, mas à crueza da realidade: “Um menino magro, seco, os olhos enormes, a boca aberta, com os beiços rachados de sede, o beiço inferior partido em dois, como uma romã seca” (Queiroz, 2016, p. 56). Essa imagem impactante traduz, com economia verbal e precisão sensorial, o sofrimento extremo dos retirantes. Rachel constrói, assim, uma narrativa visual e ética, que confronta o leitor com a tragédia social do sertão e exige reflexão.

Nesse sentido, *O Quinze* (1930) ultrapassa o regionalismo folclórico e inaugura uma nova forma de narrar o Nordeste com senso de realidade, denúncia e protagonismo feminino. Como aponta Alfredo Bosi (1994, p. 253), Rachel: [...] “introduz no romance nordestino a figura feminina como sujeito de pensamento e ação, o que constitui um avanço significativo na literatura brasileira do período”. A análise minuciosa do romance permite perceber que *O Quinze* (1930) não apenas denuncia a calamidade da seca, mas também anuncia um novo lugar para a mulher na literatura nacional. A personagem Conceição simboliza essa virada, sendo a expressão literária de uma mulher que, diante do colapso físico e moral do mundo que a cerca, escolhe resistir com conhecimento, liberdade e solidariedade.

### **3.2 A trajetória de resistência e superação de Conceição**

Em *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, a personagem Conceição emerge como uma figura singular e transformadora no cenário literário brasileiro da década de 1930. Situada no contexto histórico da grande seca de 1915, Conceição rompe com o arquétipo da mulher submissa e resignada, assumindo uma postura ativa, crítica e solidária. Sua trajetória revela não apenas resistência às adversidades da seca, mas também uma superação simbólica dos limites sociais impostos às mulheres da época.

Desde o início, Conceição é apresentada como uma mulher intelectualmente inquieta. Sua relação com a leitura não é apenas um hábito, mas um traço identitário que revela sua busca por autonomia e conhecimento. A personagem afirma: “Está muito pobre essa estante! Já sei quase tudo decorado!” (Queiroz, 2016, p. 18). Esse

desabafo expressa mais do que uma simples insatisfação com o acervo que possui, trata-se da angústia de uma mulher que já percorreu os limites do saber que lhe era permitido e deseja ultrapassá-los. Segundo Souza (2004), a ascensão de personagens femininas como Conceição marca uma virada importante na literatura brasileira, pois essas mulheres passam a ocupar o centro das narrativas, simbolizando mudanças profundas na percepção social do feminino. Conceição é um exemplo disso, não figura como coadjuvante ou musa, mas como agente crítica e intelectual do enredo.

Rachel de Queiroz projeta na protagonista traços de sua própria formação autodidata. Em *Tantos anos*, ela revela: “Nunca fiz e nunca me interessei por curso superior [...] Contudo eu lia muito. Mamãe tinha uma biblioteca muito boa e tanto ela quanto papai me orientavam nas leituras” (Queiroz; Salek, 2010, p. 32). Esse testemunho da autora confere à personagem uma dimensão biográfica. A formação intelectual de Conceição, à margem das instituições formais, é construída com base na leitura e no pensamento crítico, e isso torna sua trajetória ainda mais significativa. Rachel utiliza sua experiência de mulher autodidata para criar uma personagem que pensa, analisa e age com lucidez. Trata-se, como destaca Virginia Woolf (2014), da necessidade da mulher possuir espaço simbólico e concreto para existir intelectualmente: “Uma mulher deve ter dinheiro e um teto todo seu se quiser escrever ficção” (Woolf, 2014, p. 5). Esse “teto”, na obra de Rachel, não é apenas físico. Conceição reivindica o direito de circular, estudar, refletir e ocupar espaços, públicos e subjetivos, que antes lhe eram negados. Ela simboliza o anseio por esse espaço de liberdade que Woolf (2014) defende, e que, em *O Quinze* (1930), é realizado na figura de uma mulher nordestina, professora, solteira e independente.

A recusa ao casamento como destino inevitável é outro gesto marcante de sua autonomia: “Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar [...] dizia alegremente que nasceria solteira” (Queiroz, 2016, p. 20). A fala da protagonista é revestida de leveza e ironia, mas seu conteúdo é profundamente subversivo. A recusa ao matrimônio como único caminho possível para a mulher rompe com uma expectativa social arraigada. Michelle Perrot (2005, p. 97) afirma que, historicamente, a escrita, a criação e a autonomia feminina eram incompatíveis com o casamento tradicional, que relega a mulher à domesticidade e à submissão. Conceição desafia esse destino ao reivindicar, com humor e convicção, a liberdade

de permanecer só, se assim quiser. Essa postura pode ser interpretada também à luz da teoria de Judith Butler (2018), para quem o gênero é uma construção social performativa: “Gênero é uma construção cultural; conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tão aparentemente fixo quanto o sexo” (Butler, 2018, p. 49). Ao se recusar a cumprir o roteiro tradicional de esposa e mãe, Conceição recusa também o papel de gênero naturalizado para a mulher. Ela performa uma outra forma de ser mulher: independente, racional, leitora e ativa no espaço público. A escolha de viver sozinha, de ensinar, de pensar e de cuidar fora do modelo tradicional revela justamente essa ruptura com o gênero como destino.

Essa tensão entre liberdade e afeto se revela de forma mais profunda em sua relação com Vicente. Embora exista carinho entre eles, a incompatibilidade é inevitável: “Ele sempre dizia que, de livros, só o da nota de gado...” (Queiroz, 2016, p. 87). A fala de Vicente evidencia a distância simbólica entre os dois. Ele representa um universo mais prático e limitado ao concreto, enquanto Conceição busca uma relação que contemple o diálogo intelectual e a cumplicidade emocional. Candido (1995) ressalta que a personagem de ficção carrega valores e representações sociais. Conceição não rompe com Vicente por falta de sentimento, mas porque reconhece que o tipo de relação que deseja exige não apenas afeto, mas também afinidade de pensamentos e projetos de vida.

A força da personagem não está apenas no campo privado, mas também em sua atuação social. Conceição envolve-se nas ações de ajuda aos retirantes da seca, distribuindo alimentos e acolhendo doentes: “Venha comigo, compadre, receber a ração de comida [...]” (Queiroz, 2016, p. 99). Sua atuação no campo de concentração é um exemplo de solidariedade ativa. Perrot (2005) destaca que, ao longo da história, o cuidado sempre foi atribuído à mulher, mas restrito ao lar. Quando esse cuidado se transforma em ação pública, ele se torna político. Conceição rompe a barreira entre o privado e o coletivo, e amplia o papel da mulher na vida social.

Sua experiência materna, também vivida fora do modelo tradicional, revela essa mesma autonomia. Ao cuidar do afilhado gravemente doente, Conceição se entrega ao papel de mãe com afeto e responsabilidade: “Conceição mal dormia, sempre pertinho da criança [...]” (Queiroz, 2016, p. 111). Ela não teve filhos biológicos nem formou família, mas ainda assim se realiza no cuidado com o outro.

Como destaca Perrot (2005), a maternidade imposta como destino foi por muito tempo um instrumento de controle sobre a mulher. Conceição a ressignifica como escolha amorosa, transformando-a em um gesto ético e libertador.

Do ponto de vista narrativo, Rachel de Queiroz emprega o discurso indireto livre para revelar as emoções de sua protagonista. No trecho: “Com despeito, ela pensou que talvez aquele riso [...]” (Queiroz, 2016, p. 84), percebe-se a fragilidade e o ciúme da personagem, humanizando-a. Como observa Candido (1995), esse recurso aproxima o leitor do mundo interior da personagem, conferindo-lhe maior densidade psicológica. Conceição não é perfeita: ela sente, hesita, sofre, e é justamente nessa complexidade que reside sua força. Outro gesto simbólico se dá quando Vicente estranha que ela ande sozinha: “Pois eu pensei que não se usava uma moça andar só na cidade” (Queiroz, 2016, p. 83). A resposta de Conceição, afirmando que sempre andou só, é um ato de insubordinação à norma patriarcal. Souza (2004), com base em DaMatta (1991), afirma que o espaço público era historicamente masculino, enquanto à mulher cabia o lar. Quando Conceição ocupa a rua, ela rompe com essa estrutura simbólica e reivindica o direito de existir como sujeito pleno no espaço social.

Assim, a personagem Conceição se consolida como símbolo de resistência e superação. Ela pensa, age, educa, cuida, rompe e escolhe. É uma mulher que transforma não apenas sua própria trajetória, mas também a percepção do papel feminino na literatura e na sociedade. Rachel de Queiroz, ao criar essa figura complexa e humana, antecipa, com ousadia, discussões que só seriam aprofundadas décadas depois. Com Conceição, a autora inaugura uma nova maneira de representar a mulher nordestina: não mais como coadjuvante, mas como protagonista ativa de sua própria história. A personagem Conceição, em *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, representa um marco na literatura regionalista brasileira ao desafiar as normas sociais impostas às mulheres no início do século XX. Enquanto muitas personagens femininas da época eram retratadas como figuras passivas e subordinadas ao casamento e à vida doméstica, Conceição se destaca como uma mulher independente, intelectual e engajada socialmente. Sua construção reflete uma transição entre a mulher tradicional, presa às convenções sociais, e a mulher moderna, que busca autonomia, conhecimento e protagonismo em sua própria vida.

Desde o início da narrativa, Conceição se diferencia por sua relação com o conhecimento e a leitura, características raras em personagens femininas da literatura da década de 1930. Em um tempo no qual as mulheres eram educadas apenas para o casamento e os afazeres domésticos, ela rompe com essa imposição social ao dedicar-se à leitura de diversas obras, incluindo livros sobre temas complexos e filosóficos. A insatisfação de Conceição com sua própria biblioteca demonstra sua sede de aprendizado:

Era uma velha história polaca, um romance de Sienkiewicz, contando casos de heroísmos, rebeliões e guerrilhas. Conceição o francês folheou devagar, relendo trechos conhecidos, cenas amorosas, duelos, episódios de campanha. Largou-o, tomou os outros – um volume de versos. Um romance de Coulevain. E ao repô-lo na mesa, lastimava-se: – Está muito pobre essa estante! Já sei quase tudo decorado! (Queiroz, 2016, p. 18).

Essa fala revela a inquietação intelectual da personagem e a frustração com os limites impostos ao seu acesso ao saber. Perrot (2005, p. 21) destaca que: “Há um déficit, uma falta de vestígios”, referindo-se ao silenciamento histórico da mulher nos espaços de poder e conhecimento. Conceição, ao se apropriar da leitura, desafia esse apagamento e se afirma como sujeito pensante.

A relação de Conceição com sua avó, Dona Inácia, também explicita o conflito entre tradição e modernidade. Dona Inácia representa o conservadorismo da época e expressa sua inquietação diante das leituras da neta: “E esses livros prestam para moça ler, Conceição? No meu tempo, moça só lia romance que o padre mandava” (Queiroz, 2016, p. 132). Ao responder: “Leio para aprender, para me documentar...” (Queiroz, 2016, p. 132), Conceição se opõe à mentalidade patriarcal e reivindica o direito à formação crítica. Nesse embate, como analisa Perrot (2005, p. 17), “Porque são pouco vistas, pouco se fala delas”, percebe-se que o silêncio imposto às mulheres está ligado ao controle do saber.

Esse contraste entre as gerações revela o surgimento de um novo modelo de mulher, que busca construir sua identidade a partir do conhecimento e da autonomia intelectual. Conceição não se limita às expectativas sociais impostas às mulheres de sua época: ela lê, ensina, cuida e pensa por si. Sua trajetória simboliza a abertura de espaços subjetivos e sociais antes negados às mulheres, especialmente no interior do Brasil. Se em outros tempos a mulher era confinada ao lar, agora, por meio de

personagens como Conceição, ela começa a ocupar também o espaço do pensamento e da ação. Sua recusa ao casamento tradicional, sua inserção na vida pública e sua liberdade de circulação pela cidade expressam uma ruptura profunda com o modelo feminino subordinado, marcando uma virada simbólica na representação da mulher na literatura brasileira.

Outro aspecto marcante da personagem é sua recusa ao casamento tradicional, no início do século XX, o matrimônio era visto como o destino natural da mulher. Conceição, no entanto, subverte essa expectativa: “Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. [...] dizia alegremente que nasceria solteira.” (Queiroz, 2016, p. 20). A leveza da fala não disfarça seu teor subversivo. Butler (2018, p. 49) nos lembra que: “[...] gênero é uma construção cultural”; ao recusar o papel de esposa, Conceição questiona o próprio destino social atribuído à mulher. Sua postura representa um deslocamento performático dos papéis de gênero, assumindo uma identidade que transcende os binarismos impostos.

A personagem também enfrenta tensões emocionais profundas em sua relação com Vicente, que se mostram desde os primeiros encontros entre os dois. Embora haja um afeto recíproco, suas diferenças de visão de mundo são gritantes e se tornam cada vez mais evidentes à medida que o romance avança. Conceição é uma mulher que valoriza o pensamento crítico, a leitura e o diálogo, enquanto Vicente representa um universo mais pragmático, voltado à vida no campo e alheio à introspecção. Essa incompatibilidade vai além do comportamento cotidiano e alcança a esfera dos ideais. Quando Conceição imagina como seria a convivência com ele, expressa suas dúvidas de forma sensível e simbólica:

Pensou no esquisito casal que seria o deles, quando à noite, nos serões da fazenda, ela sublinhasse num livro querido um pensamento feliz e queria repartir com alguém impressão recebida. Talvez Vicente levantasse a vista e murmurasse um ‘é’ distraído por detrás do jornal... Mas naturalmente a que distância e com quanta indiferença... (Queiroz, 2016, p. 88).

Esse trecho revela não apenas a solidão emocional que a personagem percebe que pode acontecer, mas também a frustração de não encontrar no outro a troca intelectual que valoriza. Como afirma Candido (1995), a personagem literária reflete as tensões e contradições de seu tempo, sendo portadora de conflitos sociais

e culturais. O afastamento de Conceição, portanto, não decorre de falta de sentimento, mas do reconhecimento de que um relacionamento baseado apenas no afeto, sem compartilhamento de valores e ideais, seria insuficiente para sua realização pessoal.

Além disso, a postura de Conceição em circular sozinha pela cidade reforça sua autonomia. Quando Vicente a repreende: “Pois eu pensei que não se usava uma moça andar só, na cidade” (Queiroz, 2016, p. 83) e ela responde que sempre andou só, evidencia-se sua rejeição à tutela masculina. Souza (2004), com base em DaMatta, aponta que o espaço público era tradicionalmente masculino; Conceição, ao ocupá-lo, rompe com essa divisão simbólica. A atuação social da personagem é igualmente significativa. Ela participa das ações de ajuda aos retirantes no Campo de Concentração:

Saía de casa às dez horas e findava a aula às duas. Da escola é para o Campo de Concentração, auxiliar na entrega dos socorros. E só chegava de tarde, fatigada, com os olhos doloridos de tanta miséria vista, contando cenas tristes que também empanavam de água os óculos da avó (Queiroz, 2016, p. 79-80).

Essa vivência do sofrimento coletivo insere a personagem num processo de engajamento público. Perrot (2005) explica que, historicamente, o cuidado foi atribuído às mulheres como missão imposta; quando levado à esfera pública, torna-se gesto político. Esse gesto aparece em Conceição também de forma íntima, no cuidado com Manoel, seu afilhado, que reconfigura a maternidade como escolha afetiva e não como destino inevitável. Ao adotar a criança e cuidar dela com dedicação, a protagonista expressa um novo modelo de maternidade, desvinculado da obrigação conjugal. A narrativa descreve sua entrega ao cuidado com ternura e constância: “Conceição mal dormia, sempre pertinho da criança [...]” (Queiroz, 2016, p. 111). Trata-se de uma maternidade construída pela convivência e pelo afeto, não pela imposição social. Como afirma Perrot (2005, p. 158); “[...] a maternidade nem sempre foi uma escolha, mas uma imposição social, um dever mais do que um desejo”. Essa escolha afetiva por cuidar também revela a profundidade subjetiva da personagem. A densidade psicológica de Conceição é reforçada pela forma como Rachel de Queiroz conduz sua interioridade, utilizando o discurso indireto livre para revelar suas emoções mais íntimas. Quando escreve: “Com despeito, ela pensou

que talvez aquele riso [...]” (Queiroz, 2016, p. 84), a autora permite ao leitor entrar em contato direto com as inquietações da protagonista, sem mediações. Como destaca Candido (1995), esse recurso literário aproxima o leitor da personagem, tornando-a mais humana, contraditória e verossímil. Essa aproximação é essencial para que o público compreenda a força e as vulnerabilidades que moldam Conceição como figura de resistência e de ruptura com os modelos tradicionais de feminilidade.

Assim, Rachel de Queiroz constrói uma figura feminina que rompe com os modelos tradicionais e antecipa debates centrais sobre gênero, autonomia e papel social da mulher. Conceição não é apenas uma personagem que resiste: ela propõe novas formas de ser mulher num mundo que ainda insiste em limitá-las. Sua trajetória representa, como lembra Perrot (2005), o esforço histórico das mulheres para escrever e reescrever sua presença no mundo. Conceição, é mais do que uma criação ficcional. É o símbolo de uma transformação social e literária, em que a mulher deixa de ser objeto e passa a ser sujeito de sua história, de sua fala, de sua liberdade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do romance *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, à luz da construção da personagem Conceição, permitiu identificar uma trajetória marcada por resistência, emancipação e ruptura com os modelos tradicionais de feminilidade. Situada num contexto de miséria e opressão, a protagonista assume uma postura que a diferencia não apenas das demais personagens da obra, mas também da representação feminina comum à literatura regionalista da década de 1930. Conceição não é apenas espectadora dos acontecimentos, mas agente de mudança e reflexão. Sua intelectualidade, autonomia afetiva e atuação social a colocam como uma figura precursora de debates que só se consolidaram nas décadas seguintes, sobretudo com o avanço das teorias feministas.

Ao recusar o casamento como destino inevitável, Conceição desafia uma norma social profundamente arraigada, que condicionava a identidade feminina à dependência conjugal e à submissão doméstica, essa escolha é reforçada por sua busca por conhecimento e pelo direito de ocupar espaços públicos e simbólicos negados às mulheres de sua época. Como visto nas análises de Virginia Woolf e Judith Butler, pensar a mulher como sujeito de saber e de linguagem é um ato político que desestabiliza os alicerces da dominação patriarcal. Rachel de Queiroz, ao inscrever esses traços na figura de Conceição, realiza não apenas um gesto literário, mas também um posicionamento crítico frente à estrutura social vigente.

A relação entre Conceição e sua avó, Dona Inácia, revelou-se um eixo simbólico importante na narrativa. O embate entre as duas representa a disputa entre tradição e modernidade, entre silêncio e voz, entre obediência e liberdade. Ao construir esse conflito, Rachel de Queiroz evidencia que a opressão de gênero não é apenas institucional, mas também cultural e familiar, perpetuada por discursos morais que silenciam as subjetividades femininas. No entanto, ao escolher ler, ensinar, andar sozinha e cuidar do outro fora dos moldes impostos, Conceição reescreve seu próprio destino e, ao fazê-lo, também reconfigura a imagem da mulher nordestina na literatura brasileira.

Outro ponto essencial desta pesquisa foi o reconhecimento da dimensão social do romance. A seca de 1915, com todos os seus desdobramentos dramáticos, não é apenas pano de fundo para os dilemas pessoais da protagonista. Ela é parte

integrante do enredo e elemento fundamental para a construção da ética da personagem. Conceição se envolve com o sofrimento dos retirantes, atuando de forma concreta na distribuição de comida, no cuidado com os doentes e na denúncia silenciosa da omissão do poder público. Nesse aspecto, *O Quinze* (1930) articula denúncia social e transformação subjetiva, reafirmando a literatura como espaço de resistência e memória.

Conceição, portanto, representa uma ruptura dupla: com os estereótipos de gênero e com a idealização do sertão. Sua trajetória é marcada pela autonomia, mas também pela empatia. Ao final da narrativa, a adoção de Manoel e a resignificação da maternidade revelam que sua independência não exclui o afeto, ela apenas o reorganiza fora da lógica da submissão. Essa complexidade torna a personagem um marco não apenas na obra de Rachel de Queiroz, mas em toda a tradição literária brasileira.

Em síntese, ao construir uma protagonista como Conceição, Rachel de Queiroz inaugura um novo lugar para a mulher na ficção brasileira: o de sujeito pensante, crítico, atuante e profundamente humano. Ao mesmo tempo, rompe com uma representação limitada do Nordeste, oferecendo um retrato realista, plural e sensível da região. A literatura, nesse sentido, cumpre seu papel de ampliar o imaginário, questionar estruturas e dar voz àqueles que, historicamente, foram silenciados. E é nesse gesto que *O Quinze* (1930) permanece, até hoje, como uma obra fundamental, não apenas por sua relevância estética, mas por sua força ética e transformadora.

Dessa forma, retoma-se o objetivo central desta pesquisa: compreender a construção da personagem Conceição como símbolo de resistência e superação no romance *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz. Ao longo da análise, foram identificados os principais desafios enfrentados pela protagonista, como as imposições culturais, afetivas e sociais que restringiam a autonomia feminina. Também foram evidenciados os mecanismos de resistência mobilizados por Conceição, como a valorização da educação, a recusa ao casamento tradicional, a atuação social durante a seca e a vivência da maternidade por escolha afetiva. Por fim, analisou-se como sua trajetória se articula com o contexto histórico e social da obra, refletindo transformações importantes na representação da mulher nordestina e na literatura brasileira da década de 1930. Assim, a pesquisa atinge plenamente

seus objetivos e contribui para o fortalecimento dos estudos literários com foco na personagem feminina e na literatura como espaço de reflexão crítica e social.

## REFERÊNCIAS:

- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Editora Ouro sobre Azul, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. *In: CANDIDO, et al. A personagem de ficção*. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 51- 80.
- CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. *In: Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2006a, p. 13-25.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a vida social. *In: Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro, Ouro sobre azul, 2006b, p. 27-49.
- CAVALCANTE, Tiago Vieira; SILVA, Cristina Maria da. **Rachel, Rachéis: travessias entre saberes** - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2022.
- DAMASCENO SARMENTO, Elisângela Campos; MOURA, Geraldo Jorge Barbosa de. Conceição em O Quinze: uma abordagem feminista e decolonial. *In: Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 31, n. 2, p. 1-12, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/85691/54789>. Acesso em: 15 de abril de 2025.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Como entender Rachel de Queiroz? = Wie Rachel de Queiroz verstehen? / Brasília: FUNAG; Instituto Guimarães Rosa, 2023.**
- KURI SOUZA, Aida. **A personagem feminina na literatura brasileira**. 2005. 73 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa: Fenômeno Sócio-Político) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2005.
- MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira: desvairismo e tendências contemporâneas**. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2019.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. [tradução Angela M. S. Côrrea]. São Paulo: Contexto, 2007.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 105. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

QUEIROZ, Rachel de; SALEK, Maria Luiza de Queiroz. **Tantos anos**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. *In*: CANDIDO, *et al.* **A personagem de ficção**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 9- 49.

SANTOS DOS SANTOS, Amanda Izabel; SALES, Maria da Luz Lima. A ousadia feminista de Rachel de Queiroz: emancipação feminina de Conceição em *O Quinze*. *In*: **Revista Contexto**. Vitória, v. 1, n. 41, p. 11-28, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/36140/25064>. Acesso: 15 de abril de 2025.

TAVARES, Edinete Braga. **A figuração feminina no romance O Quinze de Rachel de Queiroz**: uma análise sobre a personagem Conceição. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2022.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

XAVIER, Elódia. Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória. *In*: **Revista Leitura**, [S. l.], v. 2, n. 18, p. 87–95, 2019. DOI: 10.28998/2317-9945.199618.87-95. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/6825/5409>. Acesso em: 15 de abril de 2025.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (org.) **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2. ed. Mossoró: EDUERN, 2009, p. 327-336.